

REVISTA

COTOXÓ

www.revistacotoxo.com.br

VERSÃO ELETRÔNICA

ANO I – NÚMERO 1 – JULHO DE 2020 – JEQUIÉ -BA

O LIVRO DE ELANE NARDOTTO CHEGA NAS MÃOS
DOS LEITORES
NESTE MÊS DE JULHO



Deputado discute em lives ações para desenvolvimento de Jequié e região

A pandemia do coronavírus mudou a rotina do deputado estadual Zé Cocá (PP), mas o ritmo de trabalho continua acelerado, utilizando os recursos da Internet e realizando lives informar e orientar a população como se proteger da Covid-19, e para reivindicar obras e serviços para Jequié e região. Um dos destaques foi a live realizada com o vice-governador e secretário de Desenvolvimento Econômico, João Leão. Ele informou que o projeto do DIJ está pronto, já contando com recursos destinados pelos deputados Leur Lomanto e Cacá Leão e pelos empresários locais. A revitalização do DIJ foi reivindicada ao governador Rui Costa pelo deputado Zé Cocá. Outra boa notícia foi dada pelo secretário estadual de Infraestrutura (Seinfra), Marcus Cavalcanti.



Ele revelou que o trecho que liga o gasoduto de Maracás a Jequié já está licitado, e esse serviço chegará a Jequié em 2021. Zé Cocá cobrou solução para os graves problemas existentes na BA-547, entre os quilômetros 9 e 30, nas proximidades de Florestal, onde deslizamentos de terra geram riscos de acidentes. O gestor da Seinfra garantiu que o estudo técnico já foi finalizado e aprovado o projeto de recuperação, e até o final desse mês será aberto o processo de licitação. Técnicos da Seinfra comunicaram também que o projeto de obras para implantação do acesso ao Parque de Exposição e Conjunto Penal, no km-726 da BR-330, já foi autorizado e o estudo do orçamento está sendo realizado, devendo a licitação ser aberta no próximo mês.



Índice

- 04 – [Memória - No Túnel do Tempo](#)
- 05 – [Registro – O sonho dos jequeenses](#)
- 06 – [Urbanismo – Cidade pandêmica digital](#)
- 08 – [Afeto -... as crianças desejam abraços...](#)
- 09 – [Alegria- Aquarela](#)
- 10 – [Empreendedorismo: Lições de Walt Disney](#)
- 11 – [Convite à leitura – Mais longa vida pelos olhos de Marina Colasanti](#)
- 13 – [Livro – Filosofias Femininas... da Vida experimentada](#)
- 15 – [Comportamento - Descobertas da sexualidade na infância](#)
- 16 – [Lives – Debate sobre temas diversificados](#)
- 17 – [Resenha - O livro preto de Ariel e sua luta na República dos Olhos Azuis](#)
- 18 – [Paródia – Versão da música Asa Branca](#)
- 19 – [Centenário – Os 100 anos de Antelírio Bispo de Carvalho](#)
- 20 – [Família - História da vida dos ilustres nordestinos Sá Dona e Joel Lúcio](#)
- 22 – [Travessias - Reflexões sobre Educação em contextos de Quarentena e Isolamento Social](#)
- 23 – [Aconteceu na Ciência – Tempo de vigia](#)
- 24 – [Respeito - Iyalorixá Marinalva de Obaluaê fala sobre seu discurso em culto ecumênico de formatura na UESB](#)

EDITORIAL

Esta é a primeira edição em formato digital da Revista COTOXÓ. Ao longo destes 12 anos de publicação da versão impressa, a COTOXÓ tem se firmado como importante veículo baiano de conteúdo jornalístico de qualidade e reúne a equipe de articulistas mais diversificada e multidisciplinar de um veículo de comunicação da Bahia. Há tempos que os nossos leitores sugerem uma edição em formato digital para ampliar a produção jornalística do site da COTOXÓ. Chegou o momento! A dificuldade em conseguir uma variedade de patrocínios que possa garantir o pagamento da publicação impressa aliada aos empecilhos da logística em entregar os exemplares em

vários estabelecimentos, que estão fechados em decorrência da pandemia, provocaram a necessidade deste projeto editorial eletrônico. Isso não significa que estamos abrindo mão do projeto editorial impresso, uma vez que temos compromisso com nossos assinantes e com o programa de formação de leitores *Ler é um prazer*.

A COTOXÓ digital permite que um maior número de articulistas possam ter oportunidade de escrever seus textos, já que não temos a limitação de espaço do formato impresso. Além disso, simultaneamente leitores de diversas partes do mundo poderão ter acesso ao conteúdo da revista eletrônica.



A Revista Cotoxó é uma publicação da Cotoxó Comunicações e Consultoria - CNPJ 10.694.239/0001-62
Rua Cap. Silvino de Araújo, 515, Joaquim Romão - Jequié-BA, Cep 45201-060
Tel: 73 3046-5689 / 99116-7119 / 98826-4323 / 99855-4323
E-mail: fale@revistacotoxo.com.br / Site: www.revistacotoxo.com.br

Jornalista Responsável: Domingos Ailton Ribeiro de Carvalho - 346-BA
Editoração Eletrônica: Gil Lemos - www.delascar.com.br

No Túnel do Tempo

Por Charles Meira

Parado em frente ao antigo Grupo Escolar Castro Alves, contemplei uma cena deprimente, que partiu o meu coração. No outro lado da rua, operários derrubavam as paredes daquele espaço que era usado como palco e marcou um belo período da minha infância. Pensei em aproximar para presenciar detalhes do que estava acontecendo, porém o impacto foi tão grande que não tive coragem. Do lado de fora, entrei por instantes no túnel do tempo, e passei a lembrar de memoráveis momentos vividos naquele local por nós jequeienses.

Diversão, alegria... Era o que acontecia nas manhãs de domingo no Cine Jequié. O locutor Geraldo Teixeira anuncia o calouro infantil Charles Barros Meira. Assim como eu,

muitos outros conterrâneos tiveram a satisfação de participar do programa Festival dos Brotos. Cantando, apresentando, julgando, tocando, gritando, eles faziam parte de uma multidão que semanalmente lotava as quase 1.500 cadeiras do Cine Jequié.

Crianças, jovens e adultos se divertindo, trocando e vendendo revistas em quadrinhos, encontros amorosos e famílias reunidas para assistirem a os mais famosos filmes em exibição.

Corações batendo forte, olhos sem piscar, estávamos ali sentados, apertados no chão em frente ao palco, porque todas as cadeiras já estavam ocupadas.

Roberto Carlos é anunciado! 25/04/1972 foi um dia especial inesquecível, momento único, paralisante, que somente o Cine

Jequié nos proporcionou.

De volta ao presente, permaneci por alguns instantes olhando para aquele quadro de destruição e de uma faixa anunciando a inauguração de uma grande loja da região.

De frente ao local que poderá servir para abrigar o museu da nossa cidade, revivi parte de uma história que certamente fará parte do seu acervo.

Triste, deixei o local.



Registro O sonho dos Jequieenses

Por Carlos Eden Meira

Assim como milhões de brasileiros, os jequieenses sonham. Sonham não com um passado glorioso, mas um passado quando os projetos de crescimento e de progresso eram levados um pouquinho mais a sério. Houve momentos de considerável desenvolvimento colocando a cidade entre as mais importantes economicamente no Estado, assim como o Brasil perante o mundo em certos períodos. Mas, o que quero contar aqui são fatos no mínimo curiosos, que aconteceram nos anos sessenta, durante a construção do “Viaduto Daniel Andrade”. Obra iniciada em 1962 e concluída em 1966, o viaduto levou um bom tempo com suas obras paralisadas, quando já havia sido feita boa parte do corte na atual Avenida Rio Branco e Rua Abílio Procópio, onde os trabalhos envolviam explosivos, os quais assustavam e prejudicavam os moradores das ruas envolvidas no projeto. Muitas casas sofreram sérias rachaduras, alicerces em risco de abalos, além dos telhados arruinados pelas pedras que caíam, durante as explosões. As laterais do corte deixavam espaço suficiente para pessoas andarem em “fila indiana” subindo a ladeira dos dois lados da avenida, porém, sem um mínimo de segurança. Se alguém pisasse errado, cairia de uma altura considerável, e isso poderia ser fatal. Quando chovia forte, os barrancos desabavam, tornando ainda mais estreitas essas passagens, entretanto, as pessoas desafiavam esse risco. Nessas noites de chuvas fortes, acordávamos assustados ouvindo o barulho dos barrancos caindo, imaginando se alguém teria sofrido algum acidente. Além disso, corríamos pela casa colocando vasilhames para aparar goteiras feitas

pelas pedras que caíam no telhado, durante as explosões. No enorme buraco formado pelo corte, pessoas jogavam lixo que se acumulava durante longo tempo, o mau-cheiro se espalhava pelas ruas e só não era pior, graças aos urubus que voavam por ali, “cuidando” da limpeza. Dessa forma, as críticas eram muitas e teve até quem se mudasse da rua, com medo da casa cair, do mau-cheiro e dos riscos constantes.

O jornalista Raymundo Meira, um dos moradores da Avenida Rio Branco que naquele trecho ainda era a Rua 27 de Janeiro de um lado, e Rua Laudelino Barreto do outro, teve a ideia de me pedir para desenhar uma charge criada por ele, para ilustrar a situação. Como não tínhamos por aqui meios gráficos para imprimir charges em revistas ou jornais, fizemos a coisa em duas folhas de cartolina. Numa das folhas intitulada “O Sonho dos Jequieenses”, desenhei (como nós imaginávamos), uma bonita ponte moderna, com seus “parapeitos” na altura razoavelmente recomendável, sobre uma avenida asfaltada, com veículos que transitavam sob e sobre a ponte do viaduto, com suas laterais bem protegidas por balaustradas de cimento armado. Tudo isso, obviamente dentro das minhas limitações como desenhista, é claro. Na outra folha de cartolina, intitulada “E a Triste Realidade”, desenhei o corte como um verdadeiro lixão cheio de urubus, e os barrancos despencando das laterais sobre os transeuntes que por ali passavam.

Pois, muito bem. Raymundo Meira que além de jornalista era funcionário de uma empresa local, solicitou de seu chefe, permissão para usar uma das vitrines da empresa para expor as charges. O chefe gostou da ideia e imediatamente concordou! Foi uma sensação geral, e as pessoas que paravam para ver aquela novidade riam pra valer. Ora, o prefeito Daniel Andrade, um governante moderno, de mente aberta e dinâmico não se incomodou nem um pinga com aquela charge. Pelo contrário, gostou e pediu a meu pai, o jornalista Henrique Meira Magalhães, já que ele não me conhecia, para que eu fizesse um desenho como o que estava na charge “O Sonho dos Jequieenses”,

com a bonita ponte e o moderno viaduto, conforme citei. Era para publicar no “Jornal Jequié” copiado em um “clichê” encomendado em Salvador, e foi publicado anunciando a inauguração do viaduto em 1966. O que eu nunca entendi foi o fato de a PMJ não dispor na época, de um desenho técnico, uma maquete gráfica de como ficaria o viaduto depois de pronto. Foi preciso apelar para uma charge feita por um jovem desenhista, com pouca ou nenhuma experiência em desenho arquitetônico, para divulgar a obra. Não cobrei um tostão furado pelo trabalho, pois, para mim era um prazer ver meu desenho publicado num jornal. E ficou razoavelmente bom.

Outro detalhe é que na legenda abaixo da ilustração publicada no jornal não cita que é um desenho, muito menos a autoria. Diz apenas “foto”. Se não fosse minha assinatura, ninguém saberia quem fez. Essas coisas, infelizmente a gente não esquece. O “Viaduto Daniel Andrade” tornou-se afinal, uma importante e necessária obra para facilitar o movimento de veículos na cidade. Hoje, os jequieenses continuam, assim como todos os brasileiros, a sonhar com governantes sérios, honestos, desenvolvimentistas, democratas voltados para os interesses do povo, com pelo menos um mínimo de compreensão na responsabilidade dos cargos que ocupam.



Cidade Pandêmica Digital

Raimundo Lopes Matos*



A CIDADE: PANDEMIA, IRONIA E CURIOSIDADE

A guisa de explicação e justificativa do título, diria que a cidade (polis) (1) dispensa a emissão de quaisquer conceitos porque é conhecida e reconhecida como um grande aglomerado de pessoas desde a antiga Grécia de Sócrates, Platão e Aristóteles. A pandemia, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), é uma pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença (2).

A ironia disfarça a ira, apresentando-se como uma afigura de pensamento que diz o contrário do que se gostaria de dizer (3).

A curiosidade se despe, aqui, de quaisquer roupagens bisbilhoteiras para assumir uma vestidura que busca saber e conhecer as coisas (4), os fatos, partindo de suas causas verdadeiras e suas verdadeiras causas, tendo em visto o bem de todos.

Na sequência, cabe dizer-se que o contexto pandêmico, atípico e de perplexidade (5) por que passa a cidade pós-moderna tem sido um território fértil para os assobios das mais diversas e inusitadas ironias e curiosidades. Estas, salvo melhor juízo, são mais volumosas e agudas no espaço brasileiro e, em especial, neste momento de caos. Assim, este texto transita motivado pela perplexidade (6) e sob os guarda-chuvas de cidade, de pandemia, de ironia, de autoridades governamentais e científico-profissionais na área da saúde.

Para não ficar inadimplente e ou insolvente com a verdade, vale ressaltar que essas abordagens não são oriundas de um infectologista, de um atual médico intensivista, cientista de um desses laboratórios responsáveis pela criação urgente de uma vacina que debele o Covid-19, muito menos membro da Organização Mundial da Saúde – OMS. Desse modo, o que aqui vai ser e está sendo dito não deverá ser levado tanto a sério, mas, pelo

menos, que desperte mais curiosidade e, talvez, menos ironias.

Esta época se caracteriza pela vulnerabilidade, pelo imponderável, pela inconstância, pela incoerência e pela incerteza. As instabilidades emocionais, 'institucionais', profissionais, políticas etc não inspiram confiança na segurança, na serenidade e na tranquilidade. O tempo corre e a ele se recorre, o qual surpreende a todos com seus contratemplos diários.

Essas circunstâncias são eleitas como palco de opiniões, posicionamentos, relatos de cientistas 'evidencialistas' e 'experencialistas'; uns contra; outros a favor; às vezes contra/a favor e às vezes a favor/contra e o resto muito pelo contrário, mas aplaudindo e acenando para ambos os lados, no meio do mar, à deriva, sem saber de sua real situação e de outrem.

Informações da mídia dão conta de que, desde novembro de 2019(7), o citado vírus já circulava em solo nacional. Os chefes do Poder Executivo das três esferas, bem como as autoridades de saúde certa e possivelmente sabiam, por acesso a informações de órgãos competentes, que o vírus era rápido e letal. Mesmo que fosse uma gripezinha, esta era e é letal. Também, parece ser verdade, que todos tinham conhecimento de que as aglomerações, tão combatidas, hoje, (com razão), eram ambientes férteis para alta contaminação, ligeira e ampla disseminação do vírus.

A curiosidade pergunta: Por que, então, suas excelências com suas excelentes atuações 'gestoriais' e administrativas não suspenderam a festa carnavalesca que é uma das maiores aglomerações atípicas do mundo, realizada no mês de fevereiro de 2020? É sabido que, logo depois dos suores se irem, o vírus surge e se prolifera, indomável, para dizimar grande parte da massa humana desprovida, desprotegida e, conseqüentemente, desamparada. Todavia, ninguém da/na grande mídia questionou não fez, nem faz menção a essa incontestável incoerência para, pelo menos, servir de lamento.

Qual foi o verdadeiro motivo

da não suspensão do ajuntamento momeco? Foi interesse nas vidas humanas? Foi a grande empatia com os que sofrem, a fim de que esses desfrutassem de algumas doses de felicidade e alegria? Foi investimento no farto ou escasso capital político? Foi a primazia da grande e forte política do capital? Foi um subestimar do vírus mesmo sabendo que é ele devastador, sem diálogo e sem negociação

Sem diálogo e sem negociação? Não! É engano! Salvo melhor juízo, há diálogo e há negociação quanto a efetividade e operacionalidade do Covid-19. Isso pode ser afirmado por quê? Porque a maioria esmagadora das autoridades políticas, dos bem postados economicamente e dos que sabem e podem prevenir, driblar e contornar as possibilidades mais agudas e ou letais do vírus, estão se saindo bem, ou, pelos menos, relativamente bem.

Os exemplos seguintes são eloquentes: Sua Excelência Presidente da República Federativa do Brasil está com Covid-19 (8), e tudo bem! Presidentes de Poderes (9) outros testaram positivo para o famigerado vírus, e sem maiores complicações; seis senadores foram contaminados, e a vida segue na normalidade; oito governadores também foram positivados, mas estão despachando aqui, ali e alhures, sem dor, sem neura, sem trauma, sem morte, sem lágrimas, sem nada.

Em se tratando de servidores da Presidência da República, a Secretaria-geral, em nota, informou que, até dia 03 do atual mês de julho, "108 testaram positivo para o coronavírus" (12). Destes 108, nenhum morreu: 77 estão recuperados e 31 em acompanhamento. Pelo que se pode inferir, a situação está sobejamente sob controle. Que bom, então! O ar do centro do País é puro. É bom! Muito bom! Está tudo bem.

Mas a curiosidade continua a questionar: por que nas regiões outras e periféricas as mortes são quase incontáveis? Os números querem imitar a versatilidade dos números oscilantes da Bolsa de Valores? A diferença é demasiadamente grande, por quê?

Todos não são iguais perante a lei? Por que, pelo menos, não são menos desiguais perante o Covid-19?

A propósito, será que é em razão de todos esses bem postados e aquinhoados fazerem todos os testes disponíveis e 'indisponíveis' logo no início de quaisquer sintomas e ou mesmo antes de quaisquer sintomas serem sentidos? Será se é por que a outra parte não consegue, mesmo com esforço inumano, fazer os testes imprescindíveis?

Será que fim de milhares de vidas que já se foram, foram-se por motivo de as massas desprotegidas de nome, de poder, de recursos terem sido orientadas à busca de socorro médico só na segunda etapa, e, de preferência, na terceira, quando o vírus já se estabelecera em toda a geografia somática, produzindo tempestade inflamatória e falta de ar?

Se não é nada disso, esse vírus, em suas variantes, pode está implementado um processo impiedoso, cruel e discriminador: as suas ondas fortes e devastadoras atacam os pequenos e fracos, e as ondas fracas - simples gripe, rápido defrasso -, atacam os grandes e fortes.

Daí, meus senhores e minhas senhoras, ilustríssimos (as) e

excelentíssimos (as) as massas se pulverizam, dissolverem-se e morrerem rapidamente. Já esses outros, que são mais eles e elas que são mais elas estão sem mazelas.

B e m , e s s e s questionamentos, curiosidades, afirmações, ironias são motivados por um razoável composto de inquietação e indignação por perceber que, questão político-ideológica tem sido posta, salvo mal-entendido, acima da lógica da vida dos seres humanos.

Porém, mesmo parecendo ser todas essas palavras débeis, depauperadas, esclerosadas, estéreis, inúteis e extemporâneas, devem ser registradas, para fins, talvez, de registro histórico e de possibilidade de se entender, tudo isso, como um processo pedagógico.

***Mestre e doutor Comunicação e Semiótica; pós-doutor em História Política da América Latina; advogado.**

(1) Cidade - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-Estado>

(2) (Pandemia) <http://ladoaladapelavida.org.br/detalhe-noticia-ser-informa>

cao/saiba-o-que-e-uma-pandemia
<https://www.portugues.com.br/gramica/ironia.html>

(3) <https://www.dicio.com.br/curiosidade/>

(4) <https://soniapiheiro.com.br/sp-briefing/covid-19-a-aquarela-da-perplexidade/>

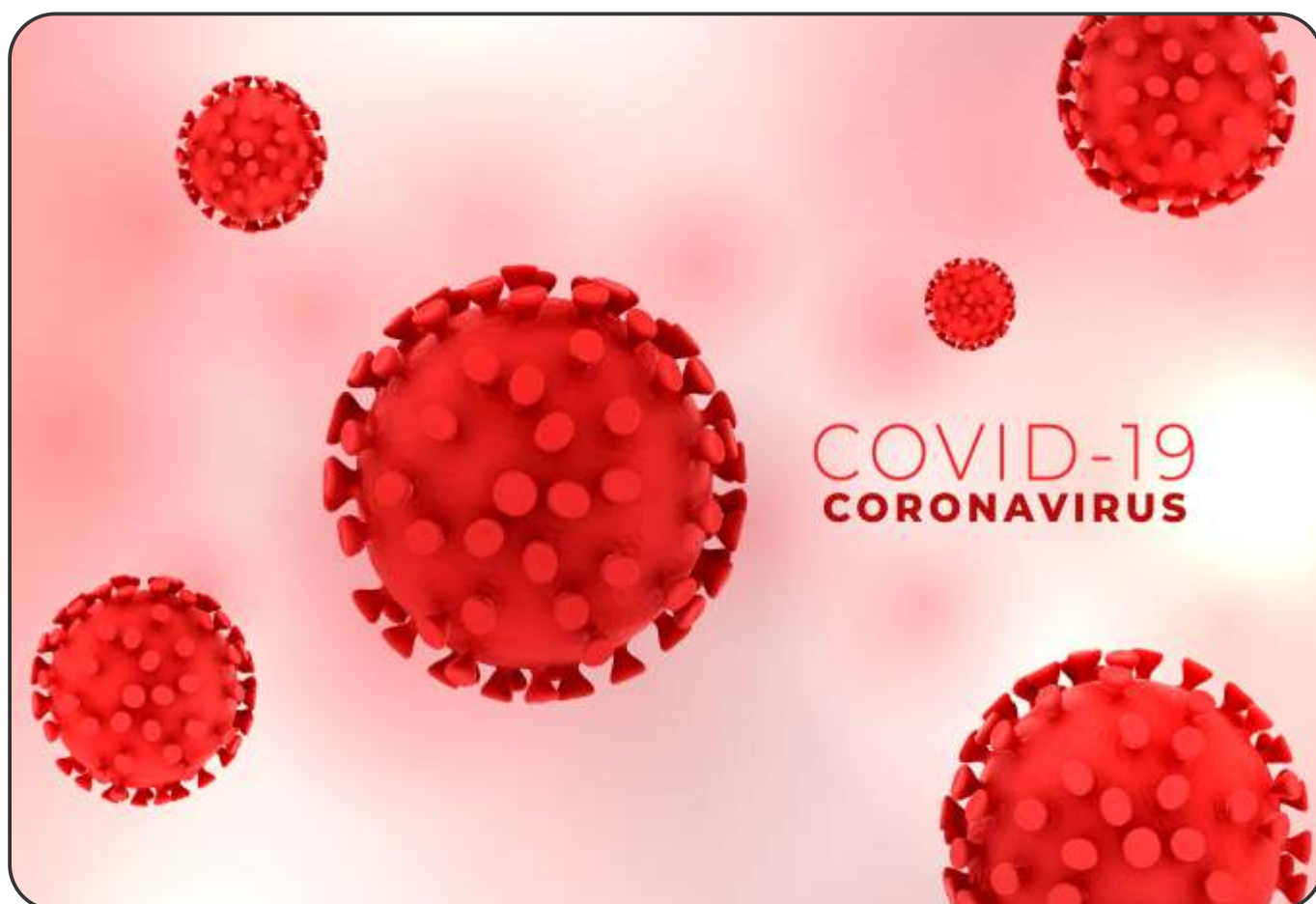
(5) <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colaboradores/perplexidade-diante-da-pandemia-1.2226335>

(6) <https://visornoticias.com.br/noticia/17424/coronavirus-j-estava-no-esgoto-de-santa-catarina-em-2019->

(7) <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/07/jair-bolsonaro-testa-positivo-para-covid-19.htm>

(8) <https://www.cartacapital.com.br/politica/davi-alcolumbre-presidente-do-senado-testa-positivo-para-coronavirus/>

(9) <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/seis-senadores-ja-testaram-positivo-para-o-novo-coronavirus>



As crianças desejam abraços

Por Elane Nardoto Rios



Doutora em Educação pela
Universidade Federal da Bahia

elanenardoto@yahoo.com.br @elanenardotto

Estamos vivendo um isolamento social e sei o quanto xs professorxs e as escolas estão se debruçando e trabalhando para garantir que as crianças – verso sobre essa fase humana não adentrando no universo dxs estudantes adolescentes e adultos – mantenham uma rotina de atividades e aulas de modo a assegurar a aprendizagem e o vínculo com a esfera escolar, perpassado dos conteúdos a socialização, mesmo que mediado pelas novas tecnologias e mundo digital. Todos os esforços são legítimos, sem a menor dúvida; e um grande viva a todxs xs professorxs que estão se reinventando diariamente!

Nesse contexto, venho percebendo, no meu campo empírico, redações das amigas-mães referentes a preguiça, chateações, falta de estímulo e fugas dessas crianças das aulas digitais. Parto da tese de que não tem uma relação linear com a escola nem tampouco com xs docentes, mas sim com a ausência da presença física, afinal as crianças gostam de abraçar! Na minha casa não é diferente. Anita, uma das minhas filhas, 11 anos, acorda sem vontade de estudar e sempre verbaliza: “mãe, me livra dessas aulas!”. Sei e sinto que ela não está se referindo às aulas, mas se referindo às ferramentas tecnológicas mediadoras dessas aulas. O pedido de liberdade decorre de ela estar se sentindo aprisionada pelo simples fato de a escola ser, depois da família, para a criança, a esfera de socialização e lugar de extrema importância para a construção da subjetividade. Na escola, além dos conhecimentos formais e organizados para garantir a

relação de ensino e aprendizagem, aprendemos sobre a vida haja vista ser um microcosmo do que pode ocorrer no mundo afora; ou seja, os valores e as visões de mundo atravessadas pelas inúmeras subjetividades que habitam o espaço escolar, o “certo” e o “errado” transitam lado a lado e essa diversidade garante o mais gostoso da vida... socializar com a outra pessoa... aprender, desaprender, construir, colaborar, amar, odiar, brigar, acolher, conversar, argumentar, silenciar, chorar, frustrar, conquistar, brincar, sentir, gargalhar, sofrer, burlar, beijar, abraçar, dançar, obedecer... tudo na mesma medida... eis a escola como um espaço legítimo de aprender, além do que se tem no currículo oficial. Dito de outro modo, a escola é espaço de formação humana e de humanidades... rico e gostoso de vivenciar. Por isso, não está muito fácil para algumas crianças... estão “aprimadas” na esfera familiar sem a possibilidade de vida criativa, além dessa esfera.

Tais afirmações se constituíram na minha atuação como professora de crianças, no início da minha carreira docente, e como especialista em Educação, sobretudo, dos estudos que fiz durante anos acerca da Pedagogia Soviética representada por Vigotsky, Luria e Leontiev. Tal Pedagogia defende que o desenvolvimento cultural dx ser humanx, desde o nascimento, ocorre por meio da internalização de condutas culturais e históricas construídas nas relações sociais que as pessoas mantêm com o mundo exterior. Uma criança, por exemplo, se apropria do comportamento e das ações humanas através da interação com os seus pares, ao passo que imprime a sua subjetividade nesse processo de internalização, afinal estamos nos referindo a uma pessoa, que não é apenas determinada pelo meio, mas também um agente ativo no

processo de criação desse meio. Para os autores da perspectiva histórico-cultural, essa é a premissa basilar do desenvolvimento subjetivo e intelectual da criança, dx adolescente, dxs seres humanxs que, a todo o momento, precisam experimentar a mediação dx outrxs para que possam se desenvolver. Desse modo, a relação humana é fator decisivo para a transformação da criança. Arrisco a dizer que esse isolamento social está na contramão de tudo que acreditamos e defendemos acerca da troca intersubjetiva que toda criança deve viver.

Digo mais, para as crianças da escola pública, em muitos locais do Brasil, as dificuldades são ainda maiores haja vista que, nesse momento, nem atividade remota estão tendo devido as implicações das condições sociais das famílias e da ausência de investimento na Educação Pública para que essa atividade possa ocorrer de forma a incluir todxs. Como professora de escola pública em toda a minha trajetória, essa esfera escolar se constitui como o único lugar de apropriação da cultura humana e de afetos por muitas crianças... tema necessário e urgente para o próximo texto...

Por fim, as crianças gostam de abraçar e nós, docentes, sabemos disso... afeto, emoção e aprendizagem... não dá para pensar a educação escolar diferente! Ensino-aprendizagem presencial sempre! Tal isolamento veio reafirmar isso! Enquanto esse dia não chega, de novo, vamos de reinvenção...

Aquarela

Por Dalva Reboças



**“Numa folha qualquer
Eu desenho um Sol amarelo
É com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo...”**

Música de Vinícius de Moraes
e Toquinho

A cada instante respirado, perdemos um pouco da nossa vida.

Andamos em direção do fim, todos os dias

Se ao acordarmos pela manhã e pensarmos na vida, focando nos problemas, nas dificuldades, nas limitações e deixando o medo tomar conta do nosso cérebro, não teremos força para levantar.

Não construímos, não compramos, não vendemos, não casamos, não parimos, não criamos, etc.

A roda viva da existência precisa girar, para movimentar todo o Universo e a manivela está em nossas mãos, na nossa vontade, depende exclusivamente de nós!

É preciso reunir forças, coragem e determinação para seguirmos com nossos projetos, realizando os nossos sonhos. Sim, porque não devemos parar de sonhar, de criar e de acreditar.

Somente os loucos não sonham acordados, não fazem planos, não criam expectativas de melhoras e de sucesso.

Ter fé no amanhã, na mão do nosso semelhante, na nossa capacidade de pensar e de realizar, é o que nos deixa vivos.

A depressão encosta naqueles que

alimentam dia-a-dia, a negatividade e os pensamentos de fracasso. Ao primeiro sinal de tristeza, não devemos admitir que será para sempre, entendendo que todos os sentimentos bons e ruins, tem suas razões o que não devemos é acreditar que a tristeza vai nos dominar.

Quero!

Como e quando, não nos pertence. Pertence ao acaso, ao auxílio ofertado pelos outros, às circunstâncias e à soma com milhões de pensamentos

positivos que permeiam nosso redor. É preciso colorir com várias cores a aquarela do dia, juntando o dourado do sol, o prateado da chuva, o branco das nuvens e o negro da noite!

Ainda na infância, quando perdi o meu papai Francisco, fiquei profundamente triste. Chorei noite após noite a sua falta, sem que ninguém soubesse. Mas aprendi a desviar o pensamento de tristeza, pensar numa coisa boa, numa brincadeira, em algo lúdico, pois saindo do foco, me sentia aliviada, mesmo que a tristeza voltasse à noite, durante o dia eu me concentrava na minha criatividade e brincava com folhas, com os palitos de fósforos criava personagens e com pedras construía casinhas, por não ter bonecas de pano, nem de plástico para brincar.

Esse artifício de substituir uma tristeza por um pensamento alegre, me ajuda até hoje a sobreviver nos meus momentos difíceis quando minha aquarela é cor de cinza.

Dalva Reboças
Psicanalista Clínica
(73) 988474143



Lições de Walt Disney

Por Kelly Vieira Costa Santos



Não tenhamos dúvidas que, Walt Disney foi um dos maiores empreendedores de todos os tempos. De várias formas podemos acompanhar sua trajetória, seu talento e seus sonhos. No decorrer da história, nos emocionamos com os personagens fantásticos, criados por ele.

Idealizamos um sonho perfeito para nós "Walt Disney jamais passou dificuldade, não precisou superar desafios, na nossa visão era um sonho tão perfeito, que nenhum de nós paramos em algum momento para olharmos para dentro desse idealizador, que com toda certeza passou por inúmeras dificuldades para chegar no seu objetivo.

Na verdade, nunca foi fácil, ele acreditou em seus sonhos mesmo quando todos já não acreditavam, no filme "A história de Walt Disney", mostra que desde pequeno ele gostava de desenhar nas paredes do celeiro de seu pai, deixando-o irritadíssimo. elas eram suas telas, e é justamente ali que ele descobre o que realmente queria fazer pelo resto da sua vida.

Walt Disney sempre se interessou pelos desenhos, principalmente animais. Sua maior criação foi a de um personagem muito simpático o ratinho falante "Mickey Mouse, conhecido no mundo todo. Uma das lições mais importantes que Walt Disney deixou foi: "Não desistam dos seus sonhos, e não ofusquem o talento que trazem dentro de si. Acreditem e lutem por ele".

Nos filmes e documentos que falam dessa personalidade é destacado é destacado uma lição importante "honestidade" e recebeu de seu pai homem de caráter espetacular, aprendeu como é ser íntegro e valores importantíssimos para ser um empresário de sucesso.

E uma de suas frases valiosas, chama a atenção de empreendedores diz o seguinte: "Sejam honestos com vocês e com os outros, pois a honestidade resulta em confiança e a confiança atrai pessoas que irão apostar e ajudar você a vencer na vida." O mais interessante é que Walt Disney vai conhecendo pessoas com os mesmos talentos e sonhos que ele, busca essas pessoas para perto de si. Essa é uma lição valiosa para um empreendedor,

descobrir pessoas que tenham os mesmos talentos e sonhos que o seu. Inicialmente esses amigos foram importantíssimos para a criação da Disney, porque eram pessoas positivas, motivadas e ajudaram na concretização desse sonho. E mais uma vez reportamos aos ensinamentos deixados por ele: "Quando há um sonho sonhado junto, ele se torna realidade". Esse sonhador passou por muitas dificuldades, perda de emprego, investimentos errados que não prosperou. Contudo, jamais desistiu dos seus sonhos. Sofreu perdas frustrantes, como perder os direitos sobre seus personagens.



imagem: internet

foi o fim, mostrou persistência e continuou a enfrentar os obstáculos que foram surgindo.

Aprender com os concorrentes foi uma de suas lições valiosas, existem empreendedores que olham para seu concorrente como se fossem inimigos e vivem constantemente em uma queda de braço. Na versão de Walt Disney concorrentes possuem pontos fortes e fracos. Então, Walt olhava o ponto fraco dos concorrentes para evita-los. Para ele competir não significava guerrear, mas aprender com eles, e se dedicava cada vez mais usando a criatividade, seu foco principal foi o público infantil. Desde criança gostava de desenhar animais, e seus desenhos tinham características humanas.

Walt tinha uma visão diferente dos concorrentes ele entendia que pessoas não são números e que por trás de um concorrente existia alguém lutando para sobreviver em um

mercado competitivo, ele deixou mais uma lição importantíssima, entender o lado das pessoas, com isso, ele demonstra um sentimento que todo empresário deveria ter: "empatia".

A visão empreendedora de Walt foi ambiciosa, imaginem, sua maior criação foi o Mickey Mouse, um plano audacioso, pois o Mickey é um rato e as pessoas tem repugnância a ratos, no entanto, ele acreditou em sua inspiração, acreditou na sua criação e seguiu em frente. Por muitas vezes enfrentou os obstáculos, as portas estavam para fechar. Mas, ele acreditou e não esperou por um milagre, tentou várias vezes até que seus sonhos se tornaram realidade.

Contudo, ele demonstrou forçasse incentivou vários empreendedores demonstrando que nada vem fácil, e que seria preciso correr atrás e fazer acontecer e foi transformando as dificuldades em oportunidades. Em uma de suas frases mais famosas ele apresenta aos empreendedores uma valiosa lição: "quando as dificuldades surgirem diante de vocês, procure tirar o que elas têm a ensinar". E todas as dificuldades que ele encontrou pelo caminho foram sendo transformadas em aprendizado. Para ele as oportunidades surgem quando surgem as dificuldades, só assim todos teremos a chance de corrigirmos o que deu errado.

As lições que Walt Disney deixou pode ser aplicável a qualquer empresa. A luta que esse empreendedor teve para alcançar o sucesso da Disney World foi árdua. Walt trabalhou incansavelmente para fazer com que seus clientes sempre retornem. Na Disney tudo acontece com um resultado em conjunto, todos colaboram.

Todo esse trabalho de excelência que a Disney proporciona de atendimento ao cliente, está relacionado ao início de tudo, ele deixou uma grande lição e maior de todas para os empreendedores, principalmente aquelas que estão começando a planejar e a sonhar. "Nunca desista de sonhar". Até porque segundo a Disney, "se você pode sonhar, você pode fazer".

Sobre o autor: Kelly Vieira Costa Santos é Administradora e pedagoga, especialista em Metodologia do Ensino Superior e Gestão Pública.

Leitura

Adriana Maria de Abreu Barbosa



MAIS LONGA VIDA pelos olhos de Marina Colasanti

*Senhor, dai-me força para mudar o que pode ser mudado...
Resignação para aceitar o que não pode ser mudado...
E sabedoria para distinguir uma coisa da outra.
São Francisco*

A pandemia do covid 19 potencializa a necessidade de refletir sobre as palavras de São Francisco mencionadas na epígrafe deste texto. Dentro de um cenário de tantas incertezas, são tantas as perguntas: qual o meu papel como pessoa no mundo, como me portar, o que esperar, como agir? O que está a meu alcance, e o que não depende de mim? Como o que faço atinge aos outros? Como e quando resignar-me e quando usar de força para mudar?

A moda agora é uma classe de pessoas reivindicando o direito de ir e vir. No condomínio onde moro num bairro (nem tão chique assim) de Vitória da Conquista, um cidadão que se intitula Doutor, apesar de não ter doutorado, pressiona o síndico à abertura de espaços de lazer, na véspera de um decreto da prefeitura, que possivelmente afrouxará o isolamento. No final das contas argumenta: tô pedindo pra usar a quadra com meus filhos, somente pra mim e meus filhos. Antes da publicação do decreto e sem se quer questionar a possibilidade de uma consultiva aos condôminos, o cidadão proclama seus direitos individuais. Ele quer atender o seu desejo de usar uma quadra poliesportiva, não importando quantos mortos o jornal nacional vai anunciar no dia de hoje. Ele não pode resolver a pandemia, mas pode livrar-se do tédio de ficar em casa. Seria sabedoria?

Eu que participo do grupo de whats up no qual o cidadão se manifesta, fico a me perguntar se devo interpelar ou não o desejo dele com minhas inquietações de vida. Seria esse um momento de força ou resignação como nos orienta Francisco. A mim me falta sempre sabedoria pra distinguir uma coisa da outra. O meu impulso é sempre interpelar, mesmo já antevendo meu desapontamento futuro de que há coisas e sobretudo

peças que não mudam nunca. Na verdade a palavra resiliência (parente da resignação) tão em moda é um aprendizado difícil ainda para mim: aceitar o que não pode ser mudado. Eu prefiro sempre a revolta.

Não há revolta no novo livro de poesia da escritora Marina Colasanti. Mas há muitas constatações de impotências frente o tempo que passa, mesmo aos olhos de tão longa vida, como sugere o título da obra: Mais longa a vida.

Em "Mais longa vida", a longevidade e o tempo de existir é temática considerada de forma filosófica literária por essa longa e renomada escritora. A meu ver, Colasanti consegue olhar de forma equilibrada sobre as temáticas da vida-morte e desse modo ela me lembra a sabedoria desejada por São Francisco. E fazendo assim, me envolve e instiga a pensar.

Há um olhar de senhora (mulher idosa) culta, letrada e grande admiradora e leitora de mitologia e literatura canônica. E todas esses atributos, a idade, o fato de ser mulher, o fato de conhecer

profundamente Mitologia e ainda o fato de ser leitora de literatura canônica, vão permear o modo como essa mulher vê o passar do tempo. Penso que o tempo também é a temática da pandemia. Há muitos preocupados com as perdas de tempo que a pandemia impõe, listando coisas que deixaram de ser feitas: aquela viagem, aquela festa, aquele encontro. E no caso do meu vizinho aqui mencionado, o tempo perdido sem usar a quadra do condomínio. Será mesmo tempo perdido? O que se ganha quando se perde tempo? O que significa perder tempo? O tempo é algo que se controla?

Na poética de "Mais longa a vida" a poetisa nos lembra que espereitar a finitude da vida é parte do trabalho de estar vivo. Colasanti lembra-nos que mesmo quando a vida é longa não necessariamente teremos as respostas. O tom da lírica me parece sugerir uma aceitação do destino sem revolta.

Comprei o livro por causa de um poema que me lembrou meu pai, para quem a vida era jogo de dados, uns tinham estrela, outros não. O poema



Pessoas foto criado por freepik - br.freepik.com

Colasanti, Marina. Mais longa vida. 1ed. Rio de Janeiro: Record, 2020

se intitula Para alguns, nele Colasanti afirma: Há sempre os favoritos dos deuses/ aqueles para quem os louros crescem no quintal(...) Para os outros vigoram regras/as medidas exatas/ os controles/ e a contabilidade severa/ devidos a quem não é filho nem parente/ mas servo. A referência a palavra Deus no plural e o uso da expressão “padrinhos do Olimpo” em outra parte do poema, apontam um olhar vida pelos olhos da Mitologia e não do Cristianismo.

A sabedoria na lírica do livro consiste mais em resignação do que força, visto que se ampara muitas vezes numa consciência cósmica da desimportância humana. Não seriam os seres humanos os prediletos da criação, ao contrário, seriam bem limitados. Como sugere o poema Um só verão: Outro que não o meu/ é o tempo das montanhas. /Meus ossos não guardam o longo sono dos fósseis(...) Mas eu/ breve folha que n a d a p r e n d e a l é m d a s [estações/viverei um só verão/e irei embora. O poema enfatiza a breve passagem humana pelo planeta se comparada a outras espécies de vida. Essa mesma temática está presente no poema Da minha mãe, no qual o eu lírico narra o pegar os ossos da mãe morta encobertos pela vida das trepadeiras, daninhas e capim.

A ideia de um destino a qual não se controla, aparece em muitos poemas entre eles, A tarde imprevisível; A partir do e Difuso desejo. No primeiro, o verso inicial afirma: Acreditei saber do meu destino/ e aquilo que entrevi era miragem. E mais adiante a queixa: Agora sou obrigada a engolir o prato feito servido pelas Moiras/ que amarga a boca. De novo a Mitologia para

entender a vida. As moiras ditam as coisas que não podem ser mudadas. No segundo, há um desejo de compreender o mistério da vida e não apenas aceitá-lo. O poema A partir do narra uma mãe uma tia que consultam oráculos, um baralho e um pires a lá tabuleiro ouija, ambos aquecidos nos seios das mulheres antes do jogo. A menina que conta a história na lírica do poema pergunta: quem /a partir dos seios das mulheres/nos entregava passado e futuro. Se passado e futuro eram entregues, cabia a menina apenas consultar e não construir? Excesso de resignação ou ausência de força?

Já no terceiro poema, embora revele que a vida foi tirada do trilho três vezes e houve adaptação sem esforço, revela que: mas sangra em mim um difuso desejo de [mudança(...)] que me leva a buscar atrás dos vidros de alheias casas em alheios países a sombra da mulher que seria eu/vivendo uma das vidas/ que perdi. Pela primeira vez aparece a palavra mudança e um sentimento de que algo perdido pode ter sido o resultado de uma não escolha ou ação e não necessariamente algo imutável. Ou pelo menos, se duvida se houve sabedoria pra distinguir, se era caso de força ou resignação.

Sobre perdas inevitáveis, no poema O que se vai, a voz feminina constata e contrasta a perda de cabelos a perda dos dias. Sobre a primeira, assevera que eles sempre voltam a nascer usando a metáfora do crânio como campo fértil (para mim, uma alusão aos cabelos que ainda crescem após a morte humana). Já sobre os dias, lembra-nos que “eles tem sua cota de estoque/limitada/ e eu os vejo passar em fila indiana/sem que reposição me seja dada.”

Tanto o livro de Colasanti quanto a pandemia colocam foco nesse fato irreversível que não há revolta capaz de mudar. Somos finitos. Nosso tempo é breve. Frente a essa constatação, Colasanti faz lindos poemas. E nós, frente a tudo isso, temos feito o que com o tempo que nos tem sido dado?

O decreto saiu hoje. O pobre do síndico talvez não aguente a pressão dos que tem pressa e já decidiram que é melhor garantir um dia na quadra poliesportiva do condomínio de classe média baixa, antes de contrair o vírus, se caso vierem a contrair. Eu tenho dúvidas, se basta proteger a mim, ficando em casa, ou se vale lutar pela coletividade e desafiar o decreto da prefeitura frente ao desejo da maioria dos condôminos. É caso pra força ou resignação?

Os versos da canção O último dia de Paulinho Moska ecoam em nossos ouvidos: Meu amor, o que você faria se só te restasse um dia? Mas saberemos quando chegar a hora? Afinal, Colasanti nos adverte: A tarde é imprevisível de manhã. / E a noite espreita escura/enquanto quente sol/ e aguardo.

Colasanti, Marina. Mais longa vida. 1ed. Rio de Janeiro: Record,2020



Livro foto criado por freepik - br.freepik.com

Filosofias Femininas... da vida experimentada



Domingos Ailton

de Elane Nardotto chega nas mãos dos leitores neste mês de julho

Com um sugestivo e atraente título “Filosofias Femininas... da vida experimentada” (Editora Via Litterarum), o livro de autoria da escritora e professora Elane Nardotto, está chegando nas mãos de diversos leitores, que têm elogiado a coletânea de textos.

A nova publicação da professora

Elane Nardotto não contou com lançamento por conta de cuidado com a vida das pessoas em decorrência da pandemia do coronavírus, que não permite aglomeração neste momento, mas a autora tem recebido inúmeros pedidos de aquisição do livro.

Elane Nardotto explica o perfil da obra: “voz de uma mulher implicada e

conectada com vozes de outras mulheres...uma polifonia! aquelas que nos antecederam, a nossa ancestralidade, as que se impuseram para que pudéssemos ter voz, hoje... as que foram para as fogueiras, foram chamadas de loucas porque não se submetiam aos papéis determinados para



elas...quantas mulheres habitam em nós? Quantas mulheres habitam em mim? Este livro tem gosto de chá...um chá doce das lembranças do quintal das nossas avós, com suas ervas a nos lembrar que a Mãe Terra é parte de nós...geramos vida de todas as formas, geramos amor, alimento e alento. Às vezes, um chá amargo, mas necessário descer pela garganta...afinal transmutar dores é da nossa condição, mulherar, ontem e hoje. Para as gerações que virão, nossas filhas, filhas do mundo, uma tentativa de deixar nosso legado de amor e de proteção umas pelas outras porque o sagrado que habita em mim saúda o sagrado que habita em ti...despertamos com acolhimento todas as marcas e poesias femininas...menstruar, gozar, maternar com toda a liberdade, formatos e escolhas...este livro tem ar de gratidão...vozes de ontem, hoje...soltas nas asas de uma borboleta para, quem sabe, tecer existências futuras...como se tece um tapete de fuxico com retalhos de vida e memórias...uma palavra feminina...uma palavra de mulher...de onde saíram essas vozes? De tantos lugares e tempos...vivos e rememorados pela

nossa intuição...uma linda prosa para nós, mulheres...com sabor de poesia..."

As professoras Nascimento Silva, Marine Souto Alves e Valdirene Rocha e o escritor Domingos Ailton escreveram impressões, que foram publicadas como apresentação da obra.

"Uma potência em cada capítulo, passeando pela singeleza do cotidiano, pela generosidade de transformar política em versos do cotidiano, pela generosidade de transformar a escrita política em versos densos que passa a margem do enfadonho e nos acaricia em textos sublimados por sua mística do enfadonho e nos acaricia em textos sublimados por sua mística maestria transformadora (...) Escreve tecendo a libido, pegando carona no previsível das rotinas, para fomentar o sentir... sentidos no tempo das miudezas, no sopro da vida, no limiar do instante.

Essências femininas e plenitude são buscas convidativas da autora, uma bruxa, que no encontro do sagrado feminino torna-se corajosamente subversiva aos aprisionamentos da estrutura patriarcal da sociedade. Ela dança, como em noites de lua cheia,

num ritual empoderador, cantarola e nos embala, há sons e muita magia. Ela abre a roda da ciranda e amorosamente nos chama a leitura, ao sentidos, ao viver e ao mulherar! Se deliciem e experimentem sentir o raio de sol adentrando pela janela depois de uma forte chuva.

A professora Marine Souto Alves optou por ler um capítulo por dia do livro de Elane Nardotto para sentir melhor a "delícia" da coletânea e revela como foi o processo: "Ao iniciar a leitura, optei pela 'degustação' de apenas um texto por dia. Não por ele ser enfadonho ou de difícil leitura, muito pelo contrário, mas pelo fato de cada texto/ensaio fazer abordagens tão interessantes e estimular a reflexão, que proferi ficar um dia inteiro refletindo sobre o que tinha lido e de que maneira aquela leitura havia me afetado, pelo confesso, todos os textos mexeram comigo! As sensações? Variadas. Suspirei, dei risadas, sonhei, chorei, aprendi, concordei, discordei, tive vontade de sair abraçando todas as mulheres, quis gritar, quis e quero mudar, e quero tentar... ser feliz, livre e louca, por que não?"

Com uma impressão vibrante, a professora Valdirene Rocha destaca a dimensão do livro: "A mística do reencontro, consigo e com o mundo. Um mergulho tão profundo que vai do ventre ao cosmos. Uma leitura excitante, terapêutica e acolhedora. São diversas as impressões, sensações e emoções que afloram ao acessar essa obra que apresenta intinerâncias de uma vida que pulsa, vibra e expande, goza e transborda." O escritor Domingos Ailton também enaltece a publicação, ressaltando as marcas da escrita:

"Elane Nardotto presenteia os leitores com uma coletânea de textos de suas reflexões sobre a vida e de suas experiências do passado e do presente, na condição de mulher, feminista, aprendiz, educadora, filha, mãe, terapeuta rekiana e escritora. Este livro revela uma escrevivência (podemos utilizar muito bem aqui o termo da extraordinária escritora Conceição Evaristo) porque presente escrita nasceu da cotidianidade, das experiências de vida da autora e do seu olhar sobre este complexo mundo atual, por isso podemos dizer ainda que este novo aporte teórico de Elane Nardotto é de uma visão filosófica pós-moderna, holística e conectada com o pensamento da ancestralidade matriarcal".



Elane Nardoto Rios

DESCOBERTAS

DA SEXUALIDADE NA INFÂNCIA

Por Verônica Alves

Entre o brincar e o sentir: descobertas da sexualidade na infância



Crianças brincam muito e de várias maneiras. Brincam também de “ousadia”. Esse era o nome da brincadeira. Era década de 1980 e o sexo, como hoje, ainda era um tabu entre muitas famílias. Não se tocava no assunto e o quarto do casal era território proibido para os pequenos, fosse durante o dia ou noite. No imaginário infantil passavam-se diversas possibilidades sobre o conteúdo do que ali se instaurava. São poucas as lembranças daquele espaço que “guardava” segredos de adultos. Provavelmente, algo de muito misterioso e que provocava ora curiosidade, ora medo... Fato é que o respeito geralmente reinava e ninguém se atrevia a burlar o “código de conduta” do lar: não entrar no quarto do casal. Inclusive era o único da casa que tinha porta, no outro, das crianças, apenas uma cortina de tecido surrado.

Contudo, a despeito da ausência de informação sobre o assunto – , já que naquela época, e em se tratando de uma camada da sociedade com pouca ou nenhuma instrução, não se tinha acesso a materiais como imagens e vídeos sobre o tema, como se tem hoje através das diversas mídias, sobretudo a internet – as crianças tinham curiosidades relacionadas ao “mundo dos adultos”. Ao contrário do que muitos pais e mães pensam, e até afirmam categoricamente, as crianças possuem sim desejos, constroem afetos e vivenciam conflitos que perpassam, desde a tenra idade, pela

construção e descobertas ligadas à sexualidade.

A concepção psicanalítica freudiana evidencia de forma muito densa como se dá cada fase desse processo que, segundo Sigmund Freud, se desenvolve em estágios sequenciais e se inicia desde os princípios da constituição do psiquismo. A partir dessa perspectiva, existe uma necessidade biológica que é latente no ser humano: o sexo.

Como reação a essa condição natural da psiquê e dos corpos de meninas e meninos, a sociedade construiu ao longo da história e por diversos motivos que não cabem discutir aqui, maneiras de reprimir, e até punir, manifestações da sexualidade na infância. Falas proferidas por adultos como “não mexa aí que é feio”, “que criança ousada, pare com isso”, “isso é ousadia, Deus castiga”; são exemplos que demonstram como a construção do imaginário social vai sendo formatado, inclusive a respeito dos órgãos genitais do homem e da mulher como algo “feio”, “sujo” e “pecaminoso”. Esse processo pode desencadear inúmeros problemas de ordem psíquica, emocional e sexual nas pessoas, quando adultas.

Ainda que não tivéssemos noção de tudo isso, ou de nada disso, existia a curiosidade de saber o que se passava com os mais velhos e, principalmente, a vontade de experimentar sensações que fluíam dos nossos corpos. Tínhamos por volta de entre sete a dez anos de idade e nem mesmo havíamos ouvido falar ainda na palavra “sexo”. Éramos seis, entre primas e irmãos. Brincávamos de várias coisas comuns às meninas daquela época. E brincávamos também de “ousadia”. O ato consistia em escolher um “casal” formado por duas meninas, já que era “regra” que meninos não participassem desse tipo de brincadeira, assim como se sabia que irmãs não podiam formar o “casal”.

Ambas se deitavam, vestidas, e uma deitava sobre a outra. Ali ficavam se esfregando ainda que sem o contato

entre as genitálias, esse não era o objetivo. O objetivo era a representação do casal fazendo “ousadia”. Como a mais velha era quem administrava a brincadeira, provavelmente ela deve ter visualizado alguma cena entre os pais, isso nunca ficou claro, mas no quarto dos pais dela não havia porta, o que nos leva a pensar nessa possibilidade. No grupo a brincadeira se resumia a isso. Hoje, adultas, héteros, casadas e com filhos não se toca nesse assunto. Sabe-se que eram inocentes brincadeiras de crianças, de meninas que só queriam desvendar os mistérios do mundo e de seus corpos.

Entretanto, não raro, as dormidas nas casas dos avós, tios e tias eram grandes oportunidades para se “brincar de ousadia” a duas. Nessas ocasiões o burilar do clitóris provocava sensações gostosas, não necessariamente eram gozos, mas provocava efeitos que faziam bem. Era tão desproposital e inocente que nem mesmo se sabia da possibilidade de penetração naquele momento. O fato de existir um orifício onde se pudesse introduzir algo, ainda era uma informação ignorada por aquelas meninas. O que se sabia apenas era que mexer ali provocava uma sensação agradável. Era o prazer sem ser reconhecido como tal. Numa oportunidade mais “ousada” e inesperada, a boca na vênus apresentou a possibilidade de infinitas sensações a partir daquela região do corpo.

Com primas, com amigas também, em poucas oportunidades, as primeiras experimentações da sexualidade foram apresentando descobertas de um corpo que sentia. E por mais que a sociedade e a cultura historicamente construídas releguem esse descortinar ao plano da impureza e do pecado, as crianças seguem brincando com seus corpos e experimentando a “ousadia” que só existe no mundo dos adultos, porque no universo infantil ousadia é sinônimo de alegria.

LIVES

Debate
sobre temas
diversificados

Por Domingos Ailton

Lives com o jornalista Domingos Ailton, editor, Revista COTOXÓ discute temas diversificados



Da Redação

Com isolamento social e a necessidade de ficar em casa houve uma explosão de Lives, termo que significa transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais. O Instagram, por exemplo, possui uma ferramenta que permite ao usuário fazer uma transmissão de vídeo em tempo real para os seguidores.

Outros aplicativos como YouTube, Twitter, Facebook e TikTok também são utilizados para realizar Lives. Os internautas podem fazer comentários e deixar curtidas, além de acompanhar as atividades dos demais espectadores.

No endereço no Instagram @domingosailtonjornalista, o editor da Revista COTOXÓ, jornalista Domingos Ailton, iniciou uma semana de Lives no final do mês de maio para discutir os temas que as articulistas da COTOXÓ escreveram na edição impressa da revista do mês abril último. A estreia dia 25 de maio foi a consultora de mídias sociais, Samara Barreto, que percorreu as estratégias de marketing digital em

período de pandemia; dia 26, a administradora e pedagoga Kelly Costa falou sobre economia e isolamento social; 27, Adriana Abreu abordou o tema Deus Ama a Ciência; 28 foi a vez da psicóloga Amanda Cafazeiro refletir a respeito da temática (Sobre)vivendo em tempos de pandemia; 29 a psicanalista Ieda Sampaio se reportou sobre isolamento social e introspecção e no dia 30 a também psicanalista Dalva Rebouças discutiu os reflexos da pandemia e dia 31 a professora Elane Nardoto enfocou sobre leitura durante esse período de recolhimento.

Além de reunir a equipe feminina de articulistas da COTOXÓ, o jornalista Domingos Ailton tem entrevistado profissionais de diversas áreas e discutidos temas de relevante não só para a região, mas para o País. Dia 2 de julho último, por exemplo, o ambientalista Mário Mantovani da SOS Mata Atlântica explicou “como enfrentar a boiada do retrocesso ambiental no Brasil”, em alusão a frase do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, considerado inimigo

da causa ambiental.

Pré-lançamento do e-book em homenagem ao cinquentenário do escritor Domingos Ailton

No último dia 21 de junho, no canal de Samara Barreto no Youtube, as professoras Elane Nardotto e Giseli Novais (que estão organizando o livro digital com 50 textos sobre o escritor, jornalista e professor Domingos Ailton) comandaram uma Live de pré-lançamento do e-book, que reúne uma coletânea de textos de 25 mulheres e 25 homens sobre o também ambientalista, curador da Felisquie e pesquisador da cultura no sertão de Jequié, que completou 50 anos no último dia 24 de maio.

Com um descontraído papo, Domingos Ailton respondeu perguntas sobre sua trajetória de vida, produção literária e participação política. As organizadoras do ebook também leram trechos de textos (sem identificar a autoria) da coletânea.

O ebook deve ser lançado ainda neste segundo semestre.

O LIVRO PRETO DE ARIEL

E A REPÚBLICA DOS OLHOS AZUIS

Por Valdeck Almeida de Jesus

O Livro Preto de Ariel nos arrebata pela arte da palavra do guerreiro, poeta, escritor, narrador, personagem, que nos conduz com muita sensibilidade, amor e solidariedade, ao longo da trama, cuja verosimilhança nos faz torcer, sofrer, chorar junto.

A coragem de Ariel, sua bravura e honestidade, nos mostra uma história que pode estar acontecendo ao nosso lado, com tantos de nossos amigos/irmãos. É a história da Bahia, em cuja Terra da Felicidade, o muro do apartheid foi construído desde sempre.

Um muro que pode ser simbolizado por uma ponte/viaduto. De um lado, o shopping mais antigo da cidade e a vitrine das madames; o templo do capital, ladeado pelo Templo do Bispo. No lado oposto, a Rodoviária, lugar de partida e chegada da gente indesejada, da gente que constrói a riqueza do Estado.

A ponte, ao invés de interligar, separa. É a divisão histórica que interdita a passagem de corpos negros. Corpos que tentam se equilibrar na vida, na inserção social, cuja melodia, muda a cada passo e é a senha para a retirada de corpos negros do salão principal.

Não há equilíbrio na ponte do terror, em frente ao Templo do Consumo e ao Templo Religioso. Só há exploração. É uma das denúncias de Ariel. Há tantas outras:

Ponte definha auto estima, dificulta caminhar; interdita, aparta, separa. A ponte do racismo estrutural estruturado. Ponte que subalterniza, diminui a expectativa de vida; assassina corpos pretos, corpos de anjos, de jovens, de todos que tenham a cor da noite. Ponte que embranquece histórias, nega ancestralidades; sincretiza fé.

Ponte que transforma meninos em mulas dos bacanas. Ponte que livra os bacanas e acusa, julga, condena, encarcera e mata aos meninos-mulas.

A ponte da interdição tem vários outros lados: o lado dos eleitos, juízes, partidos políticos, bispos, ditadura uniformizada, imprensa sensacionalista, pessoas de 'bem'; o lado dos eleitores, eleitos para morrer pela melanina, pelo CEP, pela parede sem reboco, pelo esgoto escorrendo na quebrada.



No meio da ponte, a LEI, em cujas folhas brancas, está descrita a guerra às drogas, cujo principal objetivo é matar em nome da lei, invadir casa, assassinar, dar sumiço aos corpos, praticar racismo institucional. Uma "Lei" que só pende para perseguir um lado, o lado de quem tem a pele da cor da noite, como uma sentença hereditária, decidida pelos invasores do país, seguida pelos novos colonos, pela proclamação da república, pelos sucessivos golpes e espoliações de bens e direitos.

No meio da ponte a lei, que protege aqueles que moram nesses chamados bairros nobres, como o personagem Dr. Renato, protegido do pai, do tio, do avô e que dirige um grande escritório. Uma sucessão de cabeças brancas,

sucessoras, herdeiras, justiceiras, cujos crimes nunca foram denunciados, e quando foram, tiveram um batalhão de habeas corpus para os livrarem. Afinal, são eles que fazem as 'leis', definem o 'devido processo legal', e são donos das indústrias de encarcerar corpos negros. O lucro é de uma ponta a outra.

Esses bandidos de colarinho branco nunca cumpriram uma prisão, sempre tiveram o aparato jurídico, o livro das leis, escrito por eles mesmos, interpretados para se auto-protegerem. São os sócios do genocídio, ganham medalhas, estátuas, constroem prisões, vencem editais e enriquecem impunemente, explorando a vida e a morte de jovens como os doze do Cabula. É uma verdadeira indústria que funciona desde os Navios Negreiros.

Ariel é um personagem desse grande teatro macabro, que sofre as opressões de um Estado Genocida e cruel. Um entre milhares. A luta dele por restaurar sua humanidade passa pelas letras, pela leitura e escrita de poesia. Em sua biblioteca particular, Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, Cruz e Souza, Solano Trindade, Ricardo Aleixo,

Sérgio Fantini, Landê Onawalê, Cuti Silva, Conceição Evaristo. Amparado por uma revolução de mulheres, consegue criar vidas paralelas, voltar ao passado e conhecer guerreiros do Quilombo do Orubu, de Zeferina, e prossegue sua luta contra a opressão.

Uma saga viva, cujos personagens estão ao nosso lado, em comunidades, escolas, saraus de poesia, caminhadas e passeatas, todos os dias, numa luta incessante por justiça, pelo direito à existência! Uma leitura mais que necessária e urgente, O Livro Preto de Ariel é um manual de proteção à Vida!

Contato do autor do livro:
https://www.instagram.com/hamilton1_borges/

Coronavírus

indo embora

baseada na música Asa Branca (Luiz Gonzaga)

Por Ana Luiza Almeida Silva

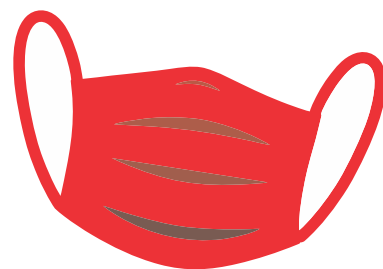


*Quando olhei o mundo atento
E preocupado com esse momento
Eu perguntei a Deus do céu
Por que tamanha situação?*



*Que vírus, que batalha!
Para esse corona ter solução.
Enquanto isso continuaremos
Tomando muita precaução*

*Usar máscara e álcool gel
Manter a higiene e a informação
Nos cuidaremos todos os dias
Para viver com nosso irmão*



*Quando esse vírus for embora
Trazendo paz a nossa nação
Nos abraçaremos com alegria
E mais Deus no coração*

Ana Luiza Almeida Silva

os 100 ANOS | de Antelírio Bispo de Carvalho(Dôga)

Por Domingos Ailton

Em 03 de julho de 1920 nasceu Antelírio Bispo de Carvalho (Dôga) na Água Branca, região de Mata de Cipó de Jequi, um sertanejo de muita coragem.

“Seo” Dôga viajou por muitos sertões e matas conduzindo boiadas e tropas, na condição de chefe dos boiadeiros e dos tropeiros, e labutando no papel de mascate carregava em malas de couro rústico (as bruacas) mercadorias diversas como tecidos, pentes, fitas, brilhantina e presilhas para os cabelos, perfumes, sabonetes, brincos dentre outros produtos, que eram as “novidades” para os homens e as mulheres do campo.

Fez muitas plantações em suas roças, negociou muitas mercadorias nas suas “vendas”, que eram supermercados dos velhos tempos já que eram estabelecimentos que vendia de tudo. Ele também versou várias estrofes de cordéis.

Filho do mulato Bertrozo e de Olegária, a neta da indígena Cotoxó, que fora “pegada” por dente de cachorro no perverso ataque dos “peadores de índios” na antiga Torta, hoje Cachoeirinha, Dôga também foi um grande contador de histórias. Gratidão pai por ser um exemplo de vida de homem trabalhador e dedicado profundamente as coisas do sertão.

Nordestino apaixonado pela vida no campo

José Vicente Ribeiro de Carvalho

Dôga era aquele nordestino apaixonado pela vida no campo! Veio para cidade para colocar os filhos para estudar, mas nunca se desligou do campo! por isso teve várias vendas(entenda como estabelecimento comercial que vendia diversos tipos de alimentos e outros utensílios domésticos), atividade que o colocava em constante deslocamento da cidade



para o campo e vice versa. Era apaixonado por prosar, contar casos, quem o conhecia fazia questão de ouvir a suas histórias e os seus conselhos. A casa se enchia de diversas pessoas como Nogueirao Ludujero, Antoninho, homens detentores de grande conhecimento que compartilhava histórias com o mesmo. Dôga era um homem bastante ponderado, não gostava de fofocas, de andar na

casa dos outros. Brincalhão e Resenhista, nos fazia rir a todo tempo, principalmente quando ficávamos a contemplar os locais onde habitávamos. também gostava muito de dançar! comer, adorava galinha caipira! sempre nos educou a andar no caminho do bem e evitar confusões!

Domingos Ailton

Sá Dona e Joel Lúcio

Por Nilton Barros



Donatília - Sá Dona com Zulmira e Mario no Santuário de Bom Jesus da Lapa;

Na Comunidade do Espinho, mais precisamente na margem esquerda do Rio das Contas, residia a família do casal, Senhor Manoel João Lúcio e Senhora Donatília de Sá Barros (Sá Dona), com prole numerosa, composta pelos seguintes filhos: Zulmerinda, a primogênita, hoje com 105 anos, Arminda, Zulmira, Antonio, José, Valdemar (Biu), Joel (Jóia), Almenaides e Mário (Nenga).

O Senhor Manoel Lúcio faleceu, ainda jovem, ficando viúva a sua esposa Sá Dona, como era conhecida, responsável pela criação e educação dos nove filhos.

Sá Dona era uma senhora não alfabetizada mas dotada de muita inteligência, criatividade, competência e coragem para o trabalho e, nesta lida diária, exerceu, com muito apuro, as seguintes tarefas: Com utilização de um equipamento “escaroçador” separava a lã do caroço do algodão, em seguida colocava este algodão descaroçado no “fuso” transformando-o em “fios de lã” que iam direto para seu “tear”, onde eram novamente transformados em cobertores, toalhas, redes e tecidos para confecção de roupas. Esta “Mulher Rendeira” trabalhava também na “almofada de bilros” e, nesta atividade, por falta dos alfinetes de metal necessários para marcar o “guia” (gabarito), ela improvisava este equipamento utilizando, com muito

sucesso, os espinhos de quiabento, arbusto encontrado em grande escala na região. Impressionante criatividade!

Sá Dona também se destacou como costureira e, com uma pequena máquina de costura manual e muito rústica, começou costurando roupas para os filhos com os próprios tecidos da sua fabricação. Ampliando sua profissão, adquiriu uma outra máquina de costura da marca SINGER, maior, mais resistente e, embora também fosse movida à manivela, proporcionava maior rendimento.

No seu tino empreendedor, de posse de uma receita, composta de sebo de animal, cinza da madeira conhecida como “pau de sabão” e sementes de peão começou fabricar sabão, produto caro e de difícil acesso na região.

Agora, além das tarefas domésticas, já somavam às suas habilidades de tecelã, costureira e fabricante de sabão, lavradora que coordenava as atividades agropecuárias da família, desde a preparação do solo, plantio, colheita, até a comercialização dos produtos. Vale ressaltar que realizavam todas as etapas de forma braçal, utilizando ferramentas bem primárias como foice, machado, enxada e facão o que constituía trabalho, por demais árduo para homens e muito mais pesado para mulheres devido à sua constituição biológica mais frágil.

Ainda na atividade rural, teve destaque seu criatório de caprinos que assim como a lavoura, era fruto do trabalho familiar onde Sa Dona liderava a equipe formada por seus filhos que atuava no pastoreio dos animais, exercendo profilaxia do rebanho de forma bem simples e manejo difícil e até penoso por ser a região marcada



Joel Lúcio, uma marcante história de vida.

por longos períodos de secas, com a necessidade de providenciar o arraçamento para os animais com palmas cortadas e mandacaru, para serem servidos em cochos.

Sua lida diária começava bem cedo, acordando às cinco horas da manhã para conferir os animais e identificar possível falta no rebanho e após esta conferência, se fosse detectada falta, era capaz de dar as características do animal que faltou para que seus filhos fossem procurá-lo a fim de encontrá-lo em curto espaço de tempo, enquanto, também neste horário, ela mesma fazia a ordenha das cabras, porque o leite era produto integrante da refeição matinal da família.

Na diversificação da atividade rural, durante os períodos de estiagem, utilizava as margens e o leito do Rio das Contas para fazer hortas, plantio de verduras e hortaliças, para o consumo familiar.

A matriarca Sa Dona, além de muito empreendedora era também muito organizada em seus negócios. Fazia suas compras no Povoado de Monte Branco, na Loja da Senhora Alzira Tófolo, viúva de um italiano, Sr, Roque Tófolo, que vendia os artigos de necessidades mais imediatas, como tecidos, botões, linhas, dentre outros. Para aproveitar o deslocamento, Sa Dona fazia compra grande com prazo de pagamento para doze meses e chegando em casa reservava cabritos com a previsão de comercialização para o período previsto para quitação do compromisso assumido. Lições como esta, marcaram para sempre a memória dos filhos.

Desta árvore frondosa de mulher valente e guerreira, descende Joel Lúcio, conhecido como Jóia, hoje com 90 anos de idade, é o sétimo, dos nove filhos de Sá Dona. Jóia conta que teve infância trabalhosa, mas muito feliz. Praticamente não conheceu seu pai, portanto, muito cedo começou ajudar à senhora sua mãe nas tarefas de buscar lenha, trazendo os feixes na cabeça, pastorear as cabras e em seguida ir para a labuta da roça onde plantava, limpava, capinava e realizava a colheita, nas culturas de algodão, feijão macaca (conhecido na região como feijão de corda), feijão fava, milho e melancia. Estas tarefas eram realizadas por ele e por seus irmãos, sob a orientação e supervisão da sua experiente mãe, matriarca da família, em todos os dias da semana, exceto no domingo que era o dia de descanso. Este período foi marcado por trabalho extremamente braçal, sem dispor de nenhum equipamento mecanizado e muitas vezes toda a equipe trabalhava descalça por falta

da “sola” a matéria prima para confecção dos seus calçados, outras vezes utilizavam alparcatas denominadas “Percata de Venta” feitas de couro cru.

Nesta fase da vida uma das diversões frequentes eram os banhos de rio, nos finais da tarde e nos domingos, quando todos se recreavam com as brincadeiras de adolescentes, tocando fogo nas pedras de amianto e nos resíduos deixados pelos mineradores próximo à margem do Contas, não tendo conhecimento do risco que corriam pela contaminação, considerando ser o amianto um minério cancerígeno. Referido minério era extraído na região, sob a supervisão do engenheiro de nome Frederico, sendo transportado em lombo de burros até Contendas do Sincorá e daquele município era conduzido para o Estado de Minas Gerais pelo trem do leste. Nas visitas realizadas pelo engenheiro era utilizado um veículo tipo “fóbica”. Vale salientar que referida jazida foi coberta pelas águas da represa do Lago da Pedra.

Ainda na adolescência Joel trabalhou como diarista em roças de vizinhos, ganhando por dia os valores de 500 e 1.500 réis. Trabalhou também exercendo os cargos de balconista e de serviços gerais no veda do seu cunhado, Sr. Germínio Correia.

Seu preparo escolar foi de apenas de seis meses, na escola de D. Otília, professora paga pela Prefeitura Municipal de Maracás. Estudava apenas no turno matutino ficando o período vespertino para o trabalho na roça. Referida professora era viúva do Sr. Zezinho dos Laços, residente em Porto Alegre e muito conceituado na região.

Na juventude, junto com o irmão Antonio Lúcio, exerceu as atividades de vaqueiro, tropeiro e adestrador de “burro bravo”. Os dois irmãos faziam empreitadas de tropas de burros e de cavalos para serem domesticados, mesmo sabendo tratar-se de trabalho muito perigoso. Para melhor segurança, usavam as conhecidas “Selas de André”, equipamento de montaria apropriado para amansar burros bravos, por serem selas sem coxim, muito rústicas e fortes suficiente para suportarem as possíveis quedas dos animais, sem danificá-las.

Para o desempenho da função de vaqueiro, possuía todos os apetrechos necessários para enfrentar a caatinga espinhosa, usando sempre gibão, perneiras, luvas, guarda-peito e chapéu de couro, para sua completa proteção.

Naquela época não se realizava o transporte de gado por caminhões,

então, Joel dispunha de mais esta opção de trabalho, empreitando os transportes das boiadas através de montaria para os percursos da região do Espinho para os municípios de Jitaúna, Apuarema, Gandu, Ibirataia e Lafaiete Coutinho.

No ano de 1948, Joel foi tentar a sorte em São Paulo trabalhando como “carregador” na Estação do Norte, na Capital Paulista. Em 1950, foi trabalhar no Paraná, na localidade denominada São João do Coroa, povoado pertencente ao município de Paranavaí, onde trabalhou derrubando mata para o plantio do café, cultura em expansão no Paraná. Naquela década era muito comum o deslocamento de nordestinos, que migravam para o sul a fim de trabalhar na agricultura, considerando que a mão de obra dos nordestinos substituía a força mecanizada que ainda não existia naquela época. Os trabalhos eram correspondentes ao preparo do solo, aração e gradagem, executados de forma braçal, com utilização das ferramentas facão, machado, foice, enxada e picareta. Conta Joel que para a derrubada de uma árvore “peroba”, que durava um tempo de mais de duas horas, era necessário a utilização do machado e o trabalho conjunto de quatro homens, por conta do imenso diâmetro do caule.

Ainda no Paraná trabalhou fazendo empreitadas para preparação do solo, que consistia na derrubada, queima e coivamento, para o plantio do café em grão. A sua última empreitada foi realizada em 64 alqueires (alqueire no Paraná correspondia 11,5 tarefas). Esta empreitada foi realizada com uma equipe composta por seu irmão Biu Lúcio e mais 25 companheiros baianos.

Em 1952 Joel retornou para o Espinho onde trabalhou na extração do látex da maniçoba caatingueira, atividade que eles denominavam de “lograr a borracha”. Cultivo que consistia em efetuar um corte no caule da árvore que era uma variedade nativa da caatinga. Pela manhã colocava um copo junto ao corte efetuado. Diariamente eram colocados entre 30 a 40 copos nos caules das árvores (os copos eram tigelas feitas de ferro pelos funileiros) e no final do dia recolhia o leite dos referidos copos depositando este conteúdo no recipiente chamado “canudo” que era feito de latão (chapa de ferro). Depois que o látex ficasse coalhado, era retalhado em forma de mantas e vendido ao comerciante Juvêncio Ribeiro que também comercializava gêneros alimentícios, e era comprador também do pó de palha, coco de ouricuri, mamona, algodão e peles de cabras e de carneiros.

Juntamente com seu irmão Biu Lúcio, Joel realizava o transporte das

seguintes mercadorias: melancia, umbu, pele de caprinos, mamona, algodão e casca de angico (este último artigo era utilizado pelos curtumes), em suas canoas, pelo Rio de Contas, no percurso Espinho a Jequié, aproximadamente 54 km. Em Jequié, as canoas aportavam em local próximo à ponte do Mandacaru e eles tinham duas opções de hospedagem sendo a pensão de D. Neném, primeira alternativa, quando tinham condições financeiras mas, na maioria das vezes, justamente por falta de recursos, se abrigavam em barracas que armavam na margem ou no areião do rio.

Referidas viagens de canoa em tempos das “cheias”, no período das chuvas de verão, era aproveitada a decida das “correntezas à favor” e duravam em torno de oito horas. No retorno, todavia, se dava ao contrário, considerando a direção tomada “contra a correnteza”, então, além da viagem durar até dois dias, os dois irmãos em meio à labuta da embarcação contra o vento, se valiam até mesmo dos próprios cobertores para o improvisado das velas.

Ainda na década de 1950, Joel se destacou como comerciante do ramo de gêneros alimentícios no Povoado de Monte Branco, tendo como sócio o Sr. Josafá Ribeiro de Novaes.

Jóia constituiu uma família bonita, sendo sua esposa, a Senhora Geronice Novaes Santos e suas filhas Maria Suely e Sandra Maria. Atualmente, aposentado, reside em Jequié, desfruta da alegria de contemplar sua descendência biológica composta por filhas, genros e netos. Uma pessoa que carrega muitas lembranças agradáveis da sua origem e da sua genitora que foi uma verdadeira guerreira deixando-lhe o exemplo de força, coragem e fé, independente das circunstâncias adversas.

Nossas homenagens ao homem honrado, que ama sua origem com carinho pela terra e com o legado da sua mãe.

Jóia, é a verdadeira expressão do seu nome: Uma joia preciosa de elevado valor.



Joel Lucio ao lado de um jipe em 1969

Travessias

Reflexões sobre Educação em contextos de Quarentena e Isolamento Social

Por Fabiana Correia Moura



Refletindo sobre o rumo que a humanidade precisou tomar nesta pandemia e dos desdobramentos deste fato na educação pensei muito sobre a minha caminhada pela escola e como este espaço é vital em nossa construção humana.

Lembro-me da infância marcada por uma ânsia de falar, questionar a realidade e meu pai muitas vezes me repreendia: - “você é muito respondona”... e de fato era, por questionar, requerer direitos, reivindicar espaços, sempre acreditei que viver era desafiar as circunstâncias, minhas professoras valorizavam esta característica peculiar.

Minha família? Éramos cinco, meu pai, Paulo Vidal de Moura, minha mãe, Zenaide Santana Correia e as irmãs, Andreia, a caçula, Gabriela, a irmã do meio, a que carrega a síndrome do nome eternizada por Jorge Amado e que virou Modinha para Gabriela por [Dorival Caymmi](#).

O meu posto era o da irmã mais velha, aquela que sempre se apoiou no princípio da autorresponsabilidade excessiva, da cobrança de si. Meu pai era analfabeto, minha mãe estudou até a antiga quarta-série e sempre se orgulhou de ter alfabetizado as filhas antes de iniciar a escolarização. Eu acredito que ela foi a minha principal inspiração pela opção em cursar o magistério e iniciar minha trajetória pela profissão docente em 1997.

Me remeto sempre ao discurso do Patrono da Educação Brasileira, o Mestre e Educador Paulo Freire, na entrevista concedida à revista italiana Terra Nuova, Freire descreve sua experiência pessoal, sua compreensão sobre o processo de tornar-se educador, afirmando que: “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática”.

Hoje, passados vinte anos de

caminhada profissional na educação, passando pela rede privada, rede pública, da Educação Infantil a Universidade, eu nunca enfrentei um contexto como atual.

Uma pandemia alastrada pelo planeta colocou a humanidade no movimento inverso da vida cotidiana, o isolamento em casa, em sua maioria. A escola então precisou fechar as portas para garantir segurança e saúde a sua comunidade e a população em geral.

Uma inquietude surgiu na tentativa de criação de estratégias remotas para manter o estudante ativo e motivado. Atitude muito louvável, por sinal, contudo, este movimento foi crescendo ao ponto de plataformas de ensino cujos donos são as grandes multinacionais, que tratam a educação como mercadoria, espalharem ou melhor, venderem a ideia que “na crise, toda educação será online.” Certamente para uma classe social específica, eles lucram da desigualdade e da exclusão.

Eu comungo do entendimento que estratégias de motivação e

engajamento são de suma importância, porém, nada substitui a interação, a troca, a sinestesia do olhar, da audição, da criatividade e da interação solidária, da presença física. Neste momento a nossa melhor estratégia, é a que preserva a manutenção da saúde e da vida.

Superada esta travessia, a pandemia controlada e a vida nos oportunizar os encontros, o diálogo presencial, os afetos e abraços, podemos então juntar as mãos solidárias e os cérebros criativos para reinventar a vida, o sonhos e as possibilidades, fazendo vivo o legado freireano, a educação como práxis libertadora, como instrumento de luta por equidade e justiça social. Portanto, se for possível, fica em casa.

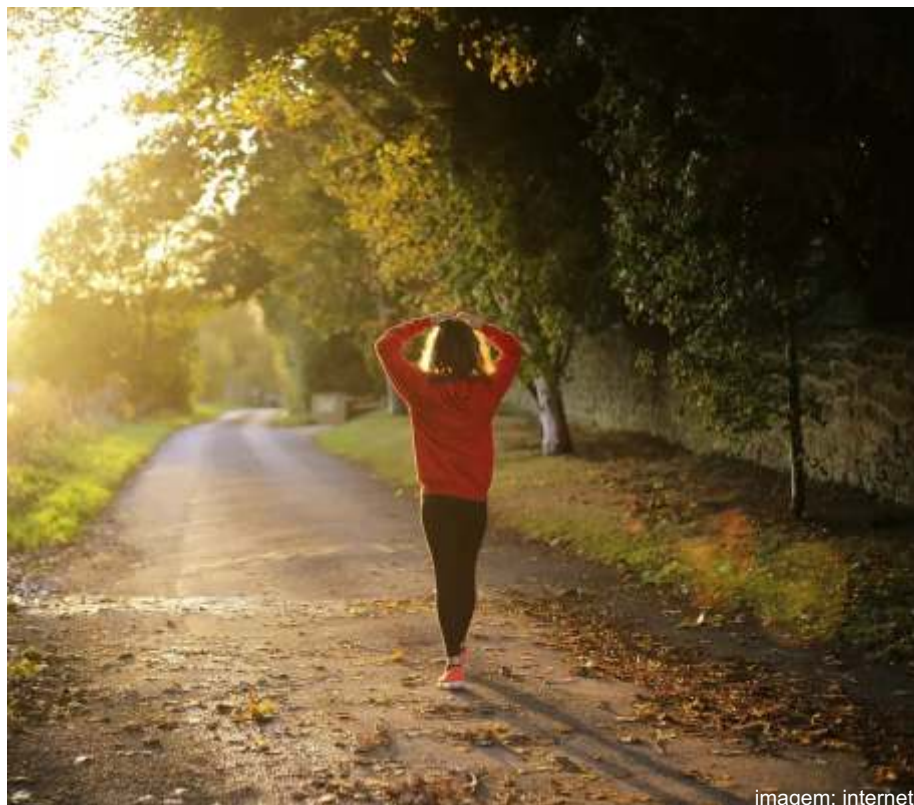


imagem: internet

Aconteceu na ciência

Tempo de vigia



Por Candido Requião

Desde os gregos antigos, o pensamento é a grande forma de entender o mundo. No início era uma forma de perceber a realidade que nos cerca ainda de uma forma que podemos chamar hoje de **senso comum**. Assim, ao perceber como as estrelas se deslocavam na abóbada celeste, pôde-se acreditar que tudo girava em torno do nosso planeta Terra. Esse é um exemplo de **senso comum**, onde se olha e infere sobre o fenômeno, sem nenhuma informação além de sua própria observação.

Felizmente, já não é mais assim e a civilização construiu uma forma de pensar o mundo que implica em não acreditar apenas no que se vê, fazendo nascer o que chamamos de Ciência. Deve-se a isso à criação do **Método Científico**, cujas ações incluem observar os fenômenos, medir e analisar dados, propor teorias que os expliquem e prevejam novos fatos. Graças a essa forma de pensar e ver o mundo, a civilização humana usufrui de um incontável número de avanços em diversos setores: medicina, indústria, tecnologias etc.

Esse processo não se deu de forma instantânea, e o conhecimento vem sendo acumulado há muitos milênios, desde que os primatas descobriram como produzir o fogo, revolucionaram com o surgimento da roda e outros artefatos, incluindo naves espaciais que têm levado a presença do ser humano cada vez mais longe. Já saímos do Sistema Solar com sondas como a Pioneer, Voyager, e elas têm trazido para nós um conhecimento sobre o sistema onde vivemos e sobre nós mesmos de forma bastante ampla. Para isso, muitos nomes são lembrados nos Anais da História da Humanidade, desde Eratóstenes, Pitágoras, Platão, Aristóteles, Copérnico, Galileu, Newton, Darwin, Einstein e mais recentemente, Hawking.

Foram milhares de horas e trabalhos

duros para acumular um conjunto muito grande de informações sobre o universo em que vivemos. Hoje, por segundo, se gera mais informação que toda a humanidade gerou desde a pedra lascada até a o fim do século XIX. A estimativa é que ao final de 2020 seja gerada uma quantidade de 1,7 MB (megabytes) por segundo por habitante do planeta.

Entretanto, na atual conjuntura em que vivemos e presenciemos, há uma onda de negacionismo do conhecimento científico e que tomou corpo no Brasil e levou um grupo político ao poder, traduzindo tudo isso em críticas a tudo que é produzido cientificamente e para o bem estar da humanidade como algo meramente ideológico.

Ora, como tudo é ideológico e político, este movimento na verdade é bem orientado para uma ideologia específica e que tem por princípio promover a inversão de valores onde se critica o conhecimento e exalta-se a ignorância e ao mesmo tempo os movimentos são para a desordem e destruição institucionais.

A ministra Damares, quando fala que *"menino veste azul e menina veste rosa"* na verdade quer negar todos os avanços nas discussões de reconhecer as diversas identidades de gênero. Quando o ministro da educação fala que na universidade se pratica uso indiscriminado de drogas e sexo, quer mentir, negar e ao mesmo tempo desqualificar a produção científica da universidade pública (que é seu objeto de gestão). Mais de 95% da produção científica desse país vem das universidades públicas e 39 kg de cocaína no avião presidencial foram esquecidos.

Negar o conhecimento científico tem como objetivo jogar a civilização numa nebulosa e sombria veia do obscurantismo religioso com a intenção de tornar cada vez mais rentável a exploração da fé, de Deus,

como se Deus tivesse dado a algum ser humano o aval para o defender e representar, o que ajudar na compreensão da nomeação de um pastor evangélico para ministro da educação, com o intuito de apostar na ignorância e fortalecer apenas a fé.

O que quero dizer é que nada desse movimento negacionista é baseado em ignorância de quem lidera o negacionismo científico. Eles sabem muito bem onde pretendem chegar. Tem objetivo muito claro de manter obscuro o entendimento do mundo. Já vimos isso na História da Humanidade em muitos momentos e o resultado não foi bom.

Por isso chamo atenção no título desse artigo para a necessidade de sermos vigilantes e para que não nos portemos como seres sem capacidade de discernir e aceitar que a Ciência não tem valor. O mundo civilizado dá à Ciência o crédito para o entendimento de nosso mundo e do universo que habitamos. Ciência é necessária para proteger a humanidade de doenças pandêmicas, de desastres naturais e para utilizar com responsabilidade e proteger os recursos naturais, além de combater a ignorância. Sem Ciência não teríamos celulares, bancos, viagens seguras, tecnologias, sem as quais o mundo atual não consegue sobreviver.



“EU SABIA | QUE ALI ERA O MEU LUGAR”:

Iyalorixá Marinalva de Obaluaê fala sobre seu discurso em culto ecumênico de formatura na UESB

Por Ogan Fabiano de Ògùm e Abiyan Vanessa Caroline



Foto: arquivo pessoal de Vinicius Mascarenhas

Pensando a histórica opressão e invisibilização que sofrem as religiões de matriz africana no Brasil e a sua valorização, bem como cumprimento de leis e normativas sobre o legado africano, entre esses a religiosidade, a entrevista abaixo concedida pela Iyalorixá Marinalva de Obaluaê, mãe de santo e zeladora do Ilê Axé Oluaiyê N'Lá ao Ogan e filho de sangue Fabiano de Ògùm, traz a perspectiva da Iya sobre aquele momento, a formatura do curso de Ciências Biológicas, em 2019, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/Jequié. Ambos, Vinicius Mascarenhas e Fabiano de Ògùm, bem como a Iyalorixá, consideraram a importância histórica do momento e a relevância de dar visibilidade ao fato, visto que era a primeira vez em toda a história da Universidade referida que uma formatura em seu culto ecumênico recebia uma Iyalorixá enquanto representante dos

cultos de matriz africana. Um grande passo na educação foi dado a partir daquele momento, pelo reconhecimento e empreendimento realizado para levar até o auditório Waly Salomão uma representante dos orixás na terra.

Ogan Fabiano - Como foi que a senhora recebeu o convite e o que a senhora sentiu no primeiro momento, estando lá, com pessoas representantes no culto ecumênico, católicos, evangélicos, e ao ver que não é uma coisa comum?

Iyalorixá Marinalva de Obaluaê - Olhe bem... Eu me senti lisonjeada, como diz, porque foi um grande desafio pra mim porque pela primeira vez uma Iyalorixá, ter um convite e, me preparei, pedi aos orixás, em primeiro lugar deus, em segundo lugar os orixás que me conduzissem a esse desafio e graças a deus fui bem.

Ogan Fabiano - Em que momento a senhora percebeu que estava fazendo história dentro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a UESB, com o convite de Vinicius, formando para Biologia, com a licenciatura, em que momento a senhora percebeu no culto ecumênico que a senhora estava fazendo história, a grandiosidade do seu momento ali, ou veio perceber, a ficha veio cair depois?

Iyalorixá Marinalva de Obaluaê - Realmente, é, foi assim, eu não me preparei tanto psicologicamente porque eu sabia que não hora eu ia sim, eu ia falar algo que ia ser instruído por deus e orixá, mas o momento que eu me senti que eu estava ali foi quando eu cheguei no salão que Vinicius veio, me abraçou e me disse assim, 'eu sabia que a senhora viria, a senhora não poderia faltar', esse foi o momento que eu

Foto: arquivo pessoal de Vinicius Mascarenhas



senti que o meu desafio estava ali para poder marcar aquele momento.

Ogan Fabiano - Mainha eu quero que a senhora me fale como foi que a senhora se sentiu quando a senhora viu os olhares para a senhora, das pessoas do convidado, como foi esse olhar, em primeiro momento, e depois.



(Vinícius Mascarenhas dos Passos)

Iyalorixá Marinalva de Obaluaê - Logo assim que eu cheguei na porta do auditório, fui bem recepcionada por Vinícius, então quando eu entrei, senti olhares de todo jeito. Eu me senti acanhada, mas eu sabia que ali era o meu lugar porque chegou a vez dos orixás estarem presentes naquele momento. Então eu me senti, veio uma força bem grande e eu disse aqui é o meu lugar, meu pai, me dê força porque tenho que fazer acontecer. Que eu também tinha espaço ali naquele momento, não era só o pastor, não era só o padre, mas tinha que ter uma Iyalorixá, um Babalorixá, fazer presente na vida daquelas pessoas que estavam ali, as bênçãos dos orixás também, principalmente porque eles estavam se formando e falando da natureza e nós somos natureza.

Ogan Fabiano - Iyalorixá, eu gostaria de saber que mensagem a senhora deixou pra'queles jovens naquele momento, naquela formação.

Iyalorixá Marinalva de Obaluaê - Quando fui convidada para falar, vi que o curso deles estava relacionado ao que eu cultuo, a natureza, os animais, as plantas e também a relação do homem com a natureza, pois está tudo

conectado à minha religião e isso tudo. Foi importante falar para aqueles jovens pois são o futuro da sociedade, eles que podem lutar contra esses desastres como Sobradinho, as queimadas, sofrimento dos animais, pois aos que agridem isso tudo, agridem minha religião. Então pra mim foi muito importante, a minha presença com eles foi de uma importância muito grande, muito grande mesmo. E me senti muito fortalecida porque a maioria dos meus filhos estavam presentes e foi a maioria, e eu fiz história dentro da UESB.

Ogan Fabiano - E também é bom falar que teve uma sessão de fotos com todos, que eles fizeram questão de tirar...



DelasCar logo featuring a stylized 'D' with a speech bubble, a coffee cup, a lightbulb, and a computer monitor icon.

Venha aprender e sorrir com a gente!

www.delascar.com.br

TECNOLOGIA: SMART WATCHES

HUMOR: STAR WARS

SÁUDE: QUEIMANDO A PIGANHA

YOUTUBE/DELASCAR



Gráfica Silva logo featuring a stylized white dove with a green tail and colorful wings.

GRÁFICA Silva

*Transformando seu rascunho
em arte final*

 Gráfica Silva

 graficassilva@hotmail.com

 73 3525-1731

Assine a Revista



**A Revista da Terra
e do Planeta Terra**